

Crítica // Barba ensopada de sangue ★★★

Tempo de reflexão

02 FILMES/ DIVULGAÇÃO

Baseado em livro de Daniel Galera, *Barba ensopada de sangue* chega aos cinemas em adaptação comandada por Aly Muritiba, que explora introspecção e discursos de ódio



Cena do longa *Barba ensopada de sangue*: direção de Aly Muritiba

Ricardo Daehn

O histórico de produção de Aly Muritiba é denso (vide filmes como *Para a minha amada morta*, de 2015; e *Ferugem*, feito em 2018). Escritor badalado, Daniel Galera, no cinema, teve seu livro *Até o dia em que o cão morreu*, revisto sob adaptação intitulada *Cão sem dono* (2007). Novamente, uma amizade canina se instala, no novo filme que tem a cachorra Beta

como um charme extra ao filme.

A trama avança num legado nada esclarecedor para o protagonista, o gaúcho Gabriel (Gabriel Leone) que avança num terreno movediço, ainda que o roteiro do filme seja feito de modo a respeitar substratos sólidos: a postura arredia nas relações sociais de Gabriel e a hostilidade impressa pelos moradores de um vilarejo na Praia da Armação (Santa

Catarina). Gabriel, no filme, vai atrás de raízes familiares.

Depois de uma cena inicial marcante e plena de ruptura, o espectador se vê acompanhando um aprendizado autônomo (e que vem repleto de solidão) para o protagonista, decidido a impor sua independência ante a corrente de animosidade que enfrenta. Tipos que perambulam dominaram os filmes de Aly Muritiba com maior consistência

— a exemplo de *Deserto particular* e ainda de *Jesus Kid* (2021), no qual se conjugou literatura e criatividade com mais estofo. No novo filme, o rigor emocional de Gabriel não se sustenta plenamente. O forasteiro não tem especificamente consistência e peso para transpor a trama, por demais circular.

Junto com uma eficiente fotografia a cargo de Inti Briones (de *Vazante*), a atriz Thainá Duarte, na pele da afetuosa Jasmin,

se sobressai intermediando o ruidoso entrosamento do gaúcho e dos catarinenses. No roteiro, cocriado por Muritiba, Jessica Candall e Galera, as autoridades locais não se interessam pelo destino de Gabriel e, no bojo, o legado humano (do herdeiro Gabriel) se torna mais vital do que eventuais ganhos materiais. Nisso, Ricardo Blat, bastante concentrado e natural, dá vida a um personagem-chave e marcante, bem ao final do filme.